

Um olhar sobre o Suicídio: vivências e experiências de estudantes universitários

A look at Suicide: experiences and experiences of university students

Maria Vanessa Morais da Silva¹, Ana Karina Silva Azevedo²

¹ Autora para correspondência. Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - FACISA / Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Santa Cruz, Rio Grande do Norte, Brasil. ORCID: 0000-0002-2580-4254. vanessamorais-cr@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. ORCID: 0000-0001-5609-5975. anakarinazevedo@hotmail.com

RESUMO | O suicídio está presente em nosso cotidiano, apesar de, na maioria das vezes, optarmos por ignorá-lo. O fenômeno tem se mostrado um problema preocupante e uma questão de saúde pública. A Organização Mundial de Saúde estima que mais de 800 mil pessoas morrem todo ano cometendo suicídio e que a faixa etária mais prevalente é entre 15 e 29 anos. A universidade, concentrando jovens nessa faixa de idade, muitas vezes abriga o desvelamento de sofrimento de seus alunos, representado na expressão de ideação ou tentativa de suicídio. Pensando nisso, o presente trabalho permite compreender por meio de uma visão fenomenológico-existencial, como estudantes universitários da área da saúde de uma unidade acadêmica especializada do interior do Rio Grande do Norte lidam com questões que envolvem o suicídio. O nosso estudo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados quatro estudantes da FACISA-UFRN, as entrevistas foram realizadas de forma individual com a seguinte pergunta disparadora: Como é para você ser estudante de um curso da saúde num campus do interior do estado? A nossa pesquisa mostrou que as vivências e experiências dos estudantes universitários ultrapassam delimitações burocráticas e territoriais da universidade. Encontramos relatos relacionadas à intensa demanda de estudos; dificuldade de adaptação ao ambiente acadêmico; dificuldades relativas à mudança de sua cidade de origem; dentre outros. Logo, pensar e compreender as tentativas e ideações de suicídio dentro do contexto acadêmico vai para além da compreensão do fenômeno em si, perpassa todo um horizonte histórico e singular de cada universitário.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio entre universitários. Saúde. Sofrimento. Fenomenologia existencial.

ABSTRACT | Suicide is present in our daily lives, although most of the time we choose to ignore it. The phenomenon has been a troubling problem and a public health issue. The World Health Organization estimates that more than 800,000 people die each year committing suicide and that the most prevalent age group is between 15 and 29 years. The university, concentrating young people in this age group, often houses the unveiling of suffering of its students, represented in the expression of ideation or suicide attempt. Thinking about this, the present work allows to understand through a phenomenological-existential vision, as university students of the health area of a specialized academic unit of the interior of Rio Grande do Norte deal with issues that involve suicide. Our study was carried out through a qualitative research, in which four FACISA-UFRN students were interviewed *, the interviews were conducted individually with the following trigger question: How is it for you to be a student of a health course in a campus of interior of the state? Our research has shown that the experiences and experiences of university students go beyond the bureaucratic and territorial delimitations of the university. We find reports related to the intense demand for studies; difficulty adapting to the academic environment; difficulties related to the change of their city of origin; among others. Therefore, thinking and understanding the attempts and ideations of suicide within the academic context goes beyond understanding the phenomenon itself, pervades a whole historical and singular horizon of each university.

KEYWORDS: Suicide among university students. Health. Suffering. Existential phenomenology.

Introdução

O fenômeno do suicídio está presente em nosso cotidiano, apesar de, na maioria das vezes, optarmos por ignorá-lo. Os dados apontam que o suicídio tem se mostrado um problema significativo com predições preocupantes, e que tem se tornado uma questão de saúde pública. É estimado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014) que mais de 800 mil pessoas morrem todos os anos cometendo suicídio, sendo a segunda principal causa de morte entre os jovens, cuja faixa etária de maior prevalência é entre 15 e 29 anos.

Segundo a OMS (2006) estimou no ano de 2000, aproximadamente, um milhão de pessoas cometeram suicídio, sendo colocado entre as dez causas de morte mais frequentes em muitos países do mundo e que, de dez a vinte milhões de pessoas, tenham tentado suicidar-se. Presume-se, que os números reais sejam mais altos. Embora as taxas de suicídio variem em consonância com as categorias demográficas, elas tiveram um aumento de 60% nos últimos 50 anos, e é esperado que até 2020, mais de 1,5 milhões de pessoas venham a cometer suicídio.

De acordo com Lovisi, Santos, Legay, Abelha e Valencia (2009), em uma análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006, a taxa total de suicídio no país cresceu de 4,4 para 5,7 mortes por 100.000 habitantes (29,5%). Sendo um total de 158.952 casos, excluindo aqueles nos quais o indivíduo tinha menos que 10 anos de idade. De maneira que as taxas de suicídio cresceram mais entre os indivíduos com idades entre 20 e 59 anos.

Azevedo e Dutra (2012) mencionam que em uma pesquisa realizada por Dutra (1997), no Rio Grande do Norte, entre os anos de 1985 e 1996, foi averiguada a ocorrência de 567 suicídios, dentre os quais 152 foram cometidos por jovens com a idade entre 10 e 24 anos, o que representou 26,8% das mortes por suicídio no período estudado. No ano de 1985, foram registrados três casos nessa faixa etária; já no ano de 1996, esse número foi de 29 casos, mostrando o aumento significativo do suicídio entre jovens.

Apesar de serem realizadas importantes pesquisas como essas, os números referentes à mortalidade

por suicídio parecem não condizer com a realidade, tendo em vista a dificuldade de se ter acesso a esses dados e a má qualidade no registro das informações. De acordo com Botega (2014) os dados sobre mortalidade por suicídio no Brasil derivam de informações constantes de atestados de óbitos compiladas pelo Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, e esses costumam estar subestimados. Além do sub-registro e da subnotificação, existem os suicídios que são mascarados por outras formas de morte, como por exemplo, “morte por causa indeterminada”.

Ao entrarmos em contato com esses dados, percebemos o quanto o suicídio é um assunto vivo, mas silenciado em nossa sociedade; os números são alarmantes e muitas vezes assustadores, todavia não se tem abrangentes discussões sobre o tema. É bem verdade que como nos lembra Kovács (2013), a morte é um tabu, que é interdita no discurso cotidiano e o suicídio é o tema mais complexo nessa dimensão de interdição.

Na universidade não é diferente, a ideação e tentativa de suicídio entre estudantes de graduação é algo que vem sendo pouco estudado, discutido e problematizado. Dutra (2012) aponta que não são raras as notícias sobre suicídios de universitários no Brasil e que independente de qual região do país venha a ocorrer, o suicídio desses jovens tem uma estatística expressiva e significativa.

Segundo Rocha, Boris e Moreira (2012) o suicídio, em algum momento, pode parecer algo absurdo, contudo é um fenômeno bastante presente na vida humana. Ele representa um ato extremo contra a própria vida e simboliza a comunicação de um sofrimento vivenciado como insuportável por aquele que o pratica. Desta forma, o suicídio é um fenômeno que precisa ser tematizado, seja por meio de novos estudos, seja por debates mais abrangentes na mídia e em outros espaços da sociedade. Faz-se premente a provocação para solidificar-se uma cultura de prevenção permanente, falando e pensando em intervenções sobre o tema, sobretudo, a saúde mental.

O objetivo deste trabalho é compreender, através de uma visão fenomenológico-existencial, como estudantes de cursos da área da saúde de uma uni-

dade acadêmica especializada do interior do RN lidam com questões que envolvem o suicídio. Busca também entender as dificuldades sentidas por parte dos alunos, como observar o contexto e a forma que eles encaram o próprio sofrimento, permitindo então compreender o fenômeno do suicídio e sua característica multifacetada.

Método

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, de perspectiva fenomenológico-existencial, a qual segundo AmatuZZi (2001), tenta compreender o que acontece através do clareamento do fenômeno, não tendo intenção de verificar dados, mas sim de compreendê-los.

A pesquisa de inspiração fenomenológico-existencial parte do que é vivenciado e não de definições e conceitos. É uma compreensão que se volta para os significados e sentidos do perceber e para expressões claras que o sujeito tem do que está sendo pesquisado, manifestadas pelo próprio sujeito que as percebe. (Coltro, 2000)

Esta metodologia de pesquisa objetiva a investigação do fenômeno, o que se mostra à si e em si mesmo tal como ele é. Segundo Moreira e Dutra (2017) a modalidade de pesquisa que se inspira na fenomenologia não valoriza a explicação, mas sim a compreensão dos fenômenos vivenciados, os quais são manifestados pela experiência singular de cada sujeito. Assim, buscando compreender as experiências de sofrimento vivenciadas por estudantes universitários da área da saúde, adotamos aqui a perspectiva fenomenológico-existencial não apenas como método, mas também como uma maneira de compreender o ser humano e o mundo.

Para a escolha dos participantes foi utilizada a divulgação de anúncios sobre a pesquisa, espalhando-os por locais estratégicos da universidade – como murais de informação – para que os estudantes viessem a ser colaboradores. Aproveitamos as ações de um projeto intitulado de “Ideação e tenta-

tiva de suicídio em estudantes da área da saúde em Santa Cruz/RN”, onde, ao término das aplicações dos questionários, era informado sobre a existência desta pesquisa, a fim de convidar os estudantes para a contribuição de forma voluntária.

A intenção da pesquisa foi convidar estudantes que haviam tentado ou ideado o suicídio, para que eles pudessem relatar suas vivências, seus sofrimentos e angústias. Assim como proporcionar um espaço de escuta para aqueles que guardam uma dor que muitas vezes se desvela em silêncio.

Foram entrevistados quatro estudantes da FACISA-UFRN¹, os quais se voluntariaram para a pesquisa, sendo dois do curso de psicologia, um do curso de fisioterapia e um do curso de nutrição. O estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa, CAAE: 55021116.3.0000.5568. As entrevistas foram realizadas de forma individual, antes de iniciarmos foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinado pelos participantes, dirimindo todas as dúvidas relacionadas ao procedimento da pesquisa. Foi veementemente lembrado em relação ao sigilo das entrevistas, que foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas, literatizadas e analisadas a partir dos referenciais teóricos aqui adotados.

Com o intuito de preservar os participantes da pesquisa, trocamos seus nomes verdadeiros; por, fictícios de super-heróis, que de maneira peculiar, lembram de alguma forma características intrínsecas aos personagens. Aqui apresento-os: Mulher-maravilha – Estudante de Psicologia, 20 anos, cursando o 2º período da graduação. Homem-de-ferro – Estudante de Psicologia, 26 anos, cursando o 4º período da graduação. Mulher-gato – Estudante de Fisioterapia, 19 anos, cursando o 4º período da graduação. Super-moça – Estudante de Nutrição, 19 anos, cursando o 6º período da graduação.

A escolha de nomes fictícios de super-heróis para os participantes da pesquisa – para além de preservar a identidade dos estudantes – parte de uma crítica que aqui fazemos à vida contemporânea, que na maior parte projeta em nós uma imagem

¹ Unidade acadêmica especializada da UFRN, com cursos da área da saúde que atende à região do Trairi no estado do RN.

de super-heróis e heroínas. A universidade, incluindo toda a sua comunidade, se vêem atravessados por esse sentimento, esquecendo-se que existe para além dos muros da academia as particularidades de cada um, e que nem sempre as pessoas dão conta de tudo que lhes é cobrado e exigido. Afinal, todo super-herói tem seu momento de dor.

O número reduzido de participantes é devido a se tratar de uma pesquisa qualitativa, na qual o foco está na singularidade de cada participante, e não na preocupação em obter generalizações e números, o que seria peculiar numa pesquisa quantitativa. Segundo González Rey (2002): “o conhecimento científico, a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade de sua expressão” (p. 35).

A estratégia metodológica utilizada para coletar os dados foi entrevistas abertas com a seguinte pergunta: Como é para você ser estudante de um curso da saúde num campus do interior do estado?. Permitindo ao estudante que ele pudesse abordar outras questões pessoais que julgasse importante, incluindo a temática do suicídio.

Através das narrativas dos participantes permitiu-se o desvelamento de sentidos e significados, os quais foram reunidos em dados, registros e relatos do que foi vivido e assim recolocado no presente por meio da narrativa. A análise se constitui de uma interpretação desses relatos e posterior compreensão dos fenômenos, percebidos e ressignificados pelo sujeito a partir da fala proferida no encontro horizontal com o pesquisador, que é aquele que escuta e se entrelaça à história contada e que também proporciona compreensão para tais fenômenos.

A narrativa é proposta por Dutra (2002), que nos lembra que a experiência não se dissolve quando é narrada, ela se aperfeiçoa e é re-significada à medida que é falada. O discurso diz do que o narrador vivenciou, a narrativa, então, torna-se um meio de interpretação da sua experiência, estando permeada por sua subjetividade. Por conseguinte, o interlocutor participa ativamente, é afetado e atribui significado à experiência de quem fala, costurando-as com suas próprias experiências.

Quanto aos nossos passos de análise, baseamo-nos nos procedimentos sugeridos por Bicudo e Martins (1994), os quais versaram sobre: 1. Leitura da transcrição/depoimento, a fim de nos familiarizarmos com o texto que expressava a fala sobre a experiência vivida, aproximando-nos dos significados atribuídos vivencialmente; 2. Marcação ou destaque dos significados que emergiram da fala do narrador, evidenciando o fenômeno estudado e os aspectos a ele relacionados. Os pontos demarcados podem ser identificados como núcleos significativos que nortearam o momento de análise e a discussão dos dados; 3. Os núcleos significativos, representavam partes do depoimento, cujos significados se relacionavam com o todo do texto e, fundamentalmente, com a relação estabelecida entre o pesquisador e o narrador.

Destacamos que a interpretação, à luz de trechos de falas dos participantes, será compreendida a partir de teóricos estudiosos da temática do suicídio e das temáticas desveladas pelos depoimentos dos colaboradores da pesquisa.

Resultados e discussão

A partir das falas dos estudantes que participaram da nossa pesquisa, alguns sentidos emergiram, nos propiciando uma compreensão do que para cada um deles é sentido, abertura afetiva e o que move suas existências. Para além da questão do suicídio em si, foram desvelados medos e sonhos emaranhados em suas vivências e experiências num ambiente acadêmico, onde, estando eles inseridos, trazem consigo sua característica de se posicionar no mundo, seu horizonte histórico e como eles se enxergam na relação consigo mesmos e no relacionar-se com os outros. Sobre ser universitário, alguns participantes referenciaram um peso na vivência de tal experiência, como acontece na fala da Mulher-maravilha:

“Eu, ainda assim com todo o peso, porque é pesado! Num pode se dizer que é fácil, porque não é! É pesado, mas mesmo assim com todo o peso, o curso ainda é menos puxado do que se fosse numa metrópole.”

Nesse trecho podemos perceber que existe o reconhecimento, por parte da estudante, do quão um curso superior pode ser desgastante. Tal intensidade vivencial percebida na trajetória do estudante universitário nos remete à reflexão de Saraiva e Quixadá (2010) que coloca o estudante enquanto um ser em construção seguindo em busca de seu projeto de vida, enfrentando desafios e descaminhos.

De acordo com Catão, Dutra e Cavalcanti (2013) a entrada na universidade possui uma exigência pela definição profissional e a necessidade de adaptação ao nível superior, levando em consideração que este apresenta novos métodos de ensino-aprendizagem, cobrando do jovem autonomia, responsabilidade e maturidade, sobretudo de ter que se preparar para um mercado de trabalho acirrado.

Podemos encontrar no trecho a seguir, aspectos que corroboram com o pensamento das autoras citadas acima:

“Então eu fui me adaptando àquele barulho, as pessoas, nem todo mundo se conhece, tava em fase de conhecimento, então eu fui me adaptando... O sofrimento inicial foi só esse: de tá acostumada com poucas pessoas, todas conhecidas, pouco barulho e de repente você entra numa sala, todo mundo novo, saindo do ensino médio. Então ali na minha sala tem muitas pessoas que trabalham, muitas pessoas que são mães de família, pai. Então, foi um contato novo. Eu era acostumada a ter contato com aquelas pessoas que viviam só por aqui em Santa Cruz, e agora eu tenho contato com outra realidade.” (Mulher-maravilha)

Ainda sobre a narrativa da participante, Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008) nos lembra que o mundo universitário é bem menos estruturado que o mundo escolar. Os colegas mudarão, fazendo-se necessário estabelecer novos vínculos, e enquanto isso não acontece, o jovem dispõe apenas dos seus próprios recursos psicológicos e o apoio de outros vínculos que porventura foram formados anteriormente. Todavia, o mundo da universidade proporciona grande abertura de sentidos, apresentando aos alunos uma ampliação do seu horizonte histórico, presente na diversidade das histórias de vida de cada estudante universitário, promovendo mudanças e inúmeras reflexões.

Nossas experiências, nosso modo de ser e de estar no mundo, encontram-se em jogo a todo momento. Segundo Braga e Farinha (2017), a existência não é apenas uma característica qualquer, ela busca incluir todas as dimensões das experiências que vivenciamos, uma vez que existimos com todos e em todos os aspectos que participam de nós mesmos, sejam eles, nosso meio social, nosso corpo biológico ou as relações afetivas que estabelecemos. Para a ‘Mulher-maravilha’, adentrar ao ambiente da universidade, proporcionou-lhe entrar em contato com outra realidade, sinalizando as várias dimensões da existência humana e permitindo ressignificar seu olhar e seus costumes.

O ser universitário é muito mais que um desejo de estar apto a um emprego, é um conjunto de afetações que dizem do mundo de cada pessoa, como vemos nos trechos a seguir da fala do Homem-de-ferro:

“Eu já pensei várias vezes que esse medo que a gente tem de ter uma dívida, você tem uma dívida com a sua família, com aquelas pessoas que estão ali, de certa maneira, né? Porque se fosse só por nós, por mim, o que valeria era o conhecimento, eu terminaria o curso e se não arrumasse emprego, eu trabalhava lavando prato, não que não seja digno, mas o que aparecesse eu ia trabalhar, se fosse uma questão de dinheiro, mas aí é que a visão das pessoas lá fora não é essa, né?” [...] “O que me motiva... [pausa longa] Eu não sei. [Pausa] É a própria psicologia, esse é... [Pausa] A minha família também, eu acho... Não sei, acho que todos...”

No trecho acima encontramos um desvelar de uma escolha, de uma experiência que carrega várias vozes, que diz de um viver imerso numa trama de significados que envolvem sentidos construídos pelos desejos da família, da sociedade, de todos os vínculos com os quais o estudante está conectado e do imaginário do próprio aluno – fruto da sua condição de ser humano – inserido em um mundo histórico e temporal, que agora pertence também ao ambiente acadêmico. Sobre isso, Goes (2016) nos faz refletir que ingressar no ambiente universitário baliza crises vivenciais no que se refere ao sentimento de pertencimento, além das vulnerabilidades afetivas e emocionais.

É o que podemos encontrar também nas narrativas de outras participantes:

“[...] quando ele se separou da minha mãe, acho que ele se separou das filhas, então ele se afastou, então isso pra mim, no início não, eu via como se minha mãe fosse a culpada disso, só que hoje com meu entendimento, aí eu vejo que a culpa é dele, que quem se afastou foi ele, então isso me entristece, só que não é por isso que eu vou desistir, né? Eu vou mostrar pra ele que eu tenho capacidade de fazer outras coisas mesmo sem a presença dele, e minha mãe é uma pessoa que me incentiva muito, nessa parte assim de estudo, de trabalho, a minha mãe ela é uma incentivadora.” (Mulher-maravilha)

“Meus pais queriam que eu fizesse medicina. É tanto que quando eu vim pra cá, a minha mãe ficava dizendo, eu passei uns 2 meses muito triste porque quando ela ligava pra mim ela dizia: “ah, você tá aí, mas vai abrir Medicina aí, você faz pra Medicina, é só um tempo que você vai passar aí...” Ela não aceitava a minha escolha.” (Mulher-gato)

Ao contextualizarmos o fato de tal vivência enquanto universitários em um campus de interior, refletimos no sentido da interiorização como a possibilidade de realização de um sonho, o qual é compartilhado não somente pelo estudante, na forma de indivíduo isolado, como também é a realização do sonho de toda a família, especialmente porque boa parte dos estudantes oriundos da interiorização é representada pela primeira pessoa da família a ingressar numa universidade pública (Abdal & Navarra, 2014). A partir das falas de nossos colaboradores, em especial, da Mulher-gato, percebemos o quanto tal reflexão está desvelada em sua experiência, o quanto os sonhos de sua família estão em jogo em seu modo de viver e a sua trajetória na universidade.

A Possibilidade de interrogar-se enquanto universitário, refletir sobre quais as perspectivas de futuro que se tem e o que se quer, até mesmo fazer uma reflexão sobre as perspectivas dos outros sobre nós, atrelados a nossa condição momentânea de ser humano, nos faz conjeturar as responsabilidades de nossas escolhas, de como podemos empunhar nosso existir mais próprio, sobretudo enquanto alguém que oferecerá cuidado profissional na sua relação com o outro. Sobre isso, os autores nos falam:

O humano é o único ente cujo modo de ser abrange a possibilidade de interrogar-se porque está em seu horizonte a condição ontológica de indeterminação e a dimensão ôntica da própria questão do ser. Nessa perspectiva, temos em nosso horizonte de possibilidades a busca por continuar a compreender a nós mesmos, lidando com o sentido das vivências presentes em nosso contexto existencial. (Braga & Farinha, 2017, p.66).

Na narrativa a seguir compreendemos a angústia de indagar-se sobre as possibilidades que o mundo nos lança e os sentidos que a nossa existência constrói:

“Já pensei em trancar o curso, principalmente no fim do ano passado que aconteceu uns problemas familiares, que era, lá na minha família dependia principalmente do meu pai, e acabou no fim do ano passado ele se separando da minha mãe. Então, toda a renda que a gente tinha era ele, que trabalhava fora, trabalhava no Rio de Janeiro, era ele que mandava uma renda pra manter a família, a casa e ainda mandava tipo uma mesada pra gente. Ele sabia que eu tava estudando... mas de início eu pensei mesmo em sair do curso, porque é uma questão de necessidade de sair e entrar num emprego e conseguir pra manter a família e manter a mim mesmo, na verdade também.” (Homem-de-ferro)

A fala do Homem-de-ferro nos permite pensar no quanto seu mundo, e as circunstâncias que o cercam, sejam elas sociais ou econômicas, atravessam a vivência do seu modo de estar na universidade. Esse momento sinaliza a oportunidade de se apresentar com um status diferente, bem como, a oportunidade de crescer e ascender socialmente, pois, agora já se pode visualizar uma formação profissional, sendo assim, é a chance de escapar de um destino social fadado para as camadas populares (Silveira & Nardi, 2008).

Apesar dessa possibilidade, em muitos casos, a permanência na universidade se vê interferida por questões econômicas, sejam do próprio aluno ou de sua família. Cechet (2013) alerta que a universidade precisa estar atenta às demandas sociais que acompanham a comunidade estudantil proveniente de camadas populares, que não possuem condições de permanência na universidade e que enfrentam sérios percalços para conseguir concluir a formação superior.

O abandono de um curso superior, o que para muitos pode significar a abdicação de um sonho, pode conter vários fatores associados que não somente a especificidade de cada curso e a própria demanda da instituição. Para o nosso 'homem-de-ferro', a situação familiar lhe fez indagar e pensar a possibilidade de afastamento do seu curso, tendo em vista que o sustento financeiro era de caráter imediato e urgente. Sobretudo, que ele, naquele momento, tomou para si a responsabilidade outrora paterna do sustento familiar.

Muitas vezes a experiência de ser universitário vem permeada de algumas questões, que podem ser de natureza bem particular, como também questionamentos e reflexões comuns, como: o quanto vale a pena esse percurso, muitas vezes cansativo e adoeceador; o quanto a nota avalia a qualidade de um bom profissional; a insegurança do depois da universidade; a cobrança da família e a autocobrança. Por alguns momentos, mobilizados por tais sentimentos e angústias, pode-se pensar no fim da própria existência, remetendo a várias possibilidades e uma delas é o suicídio. Tal questionamento aparece na fala abaixo:

“Acho que todo mundo está sujeito a isso, né? A um dia pensar que... Que a melhor forma é tirar a vida. [pausa] Eu já pensei isso! Não foi na situação de faculdade, mas já pensei em outras...” (Homem-de-ferro)

Segundo Dutra (2011), os possíveis motivos que podem levar alguém a cometer suicídio são construídos ao longo da história de vida de cada um e são revelados nos sentidos e modos de ser que eles adotam para sua existência. É o que podemos perceber nas falas a seguir:

“Uma vez quando estava separado da minha atual esposa, pensei... Acho que depois eu pensei outras vezes também, outras vezes... No tempo que eu tava desempregado por muito tempo também, tava meio... Aquele negócio de ficar escutando coisas da família, você acaba ficando meio... Vários momentos, na verdade eu pensei assim... Não aquele ‘pensamentozão’, de pensar ‘eu vou amarrar uma corda e tal’, não. Pensar que é melhor não estar mais ali, de tentar escapar do problema assim. Hoje em dia nem tanto, mas no passado mesmo eu já pensei muitas vezes.” (Homem-de-ferro)

“Não tinha mais as pessoas que sempre me deram apoio. Estava me sentindo muito sozinha, me sentindo extremamente frustrada com o curso e não tava vendo direção nenhuma pra algo acontecer, pra nada! E parece que quando junta tudo e você não sabe organizar aquilo na sua cabeça, parece que... [pausa] Parecia que era uma dor que eu não conseguia tirar de outro jeito... E, aconteceu... Eu tomei vários comprimidos de uma vez.” (Super-moça)

De acordo com Azevedo e Dutra (2012) é possível pensar a tentativa de suicídio como uma escolha de não mais viver, como um des(amor) por si próprio, um abandono dos projetos e sonhos, deixando de amar seu ser. E por mais que ela venha a ser interpretada como um ato extremo, ela também pode ser entendida como uma forma de existir, na qual o indivíduo torna público a sua dor.

Para o Homem-de-ferro e a Super-moça, os rompimentos, a falta de projeto como um emprego, o sentir-se sozinhos, a frustração com o curso, os desajustamentos existenciais, os fazem refletir sobre sua finitude, pensando o findar da sua existência como possibilidade. Enxergamos aqui que o pensamento do suicídio é sempre multicausal, desvelado na multiplicidade de fatores que concernem o nosso viver.

Em alguns depoimentos, podemos perceber a multiplicidade de fatores que estão presentes na vivência de ser universitário na atualidade, sejam eles relativos à adaptação no curso; à distância de seus familiares e rotina anterior; e à tentativa de habitar a nova vida que lhe é apresentada, como pode ser visto no trecho a seguir:

“Eu tava passando por fase de adaptação de cidade, adaptação da mudança do ensino médio pra faculdade, começando a entender o curso, como era a vida de universitária, como era morar sozinha sem ter os pais por perto e eu ainda tinha isso que era um desapoio emocional... aí eu fiquei muito mal, eu acho que eu chorava mais por conta disso, eu queria muito ir pra casa, mas ao mesmo tempo eu também não queria.” (Mulher-gato)

A fala da estudante mostra as angústias vividas por ela ao entrar na universidade, diz também de sua singularidade e da forma como ela compreende a si mesma nesse ambiente acadêmico e ainda pre-

maturado. De acordo com Cechet (2013) existem diversas dificuldades que o estudante pode encontrar ao ingressar na universidade, desde as condições financeiras até a adaptação às rotinas e exigências acadêmicas, como também as incertezas em relação ao curso universitário.

Em alguns trechos, os sentimentos de ser um estudante universitário se desvelam, como podemos ver nas falas a seguir:

“É muito... Sei lá... É muita pressão! A pressão da faculdade, você não quer errar... Por ser um curso da saúde a gente vai tratar com seres humanos, então a gente fica se cobrando muito, a gente tem que saber, que é pra quando chegar um paciente saber fazer, né?”
(Mulher-gato)

“Uma coisa que é muito pegado no nosso pé é a questão de tirar nota boa, assim, existe uma... como eu posso dizer... uma pressão, eu diria isso, uma pressão pra que a gente seja bom, pra que a gente se destaque, mas eu acho que ao mesmo tempo isso se torna uma pressão muito maior, porque muitas vezes a gente não tá preparado pra aquilo, pelo menos a minha turma, muitos saíram do ensino médio e se depararam com um sistema de ensino muito diferente em que você tem que viver pra faculdade [...]”(Super-moça)

O peso vivenciado enquanto estudante permite à ‘Mulher-gato’ uma reflexão do seu fazer enquanto profissional da área da saúde, peso esse, muitas vezes construído socialmente, cercado as profissões dessa área de um status, um ter-de-fazer, um saber-fazer absoluto, construção essa que também atravessa outros cursos de graduação. Sobre isso Goes (2016) reflete que com o ingresso no ensino superior, os estudantes almejam que poderão se beneficiar de maiores ganhos salariais e melhores condições de vida, assim como ascensão e status social, isso passa a ser palavra de ordem no que diz respeito ao significado de educação superior.

Encontramos ainda na fala da ‘Super-moça’, o peso das pressões cotidianas que o mundo impõe na atualidade e que também estão refletidas na universidade, expressas numa exigência por uma prontidão em atender às demandas estabelecidas por um sistema social que finda por suprimir nossa singularidade, nossa maneira de existir; caracte-

rística de uma ordem produtivista, a qual pensa o mundo a partir da apresentação de resultados e de excelência.

As pressões e cobranças do cotidiano para oferecer resultados satisfatórios; dar conta das atividades em tempo hábil; ser produtivo; exercer múltiplas funções; ser um profissional flexível e generalista; e até calar momentos de dor, tiram de nós a capacidade de sermos singular e introjetamos adoecimentos psíquicos.

A modernidade que não nos permite parar, transversaliza o ambiente acadêmico e a nossa vida enquanto estudante, gerando inseguranças, desmotivações, ansiedade e sofrimento, que de acordo com Teixeira, et al. (2008, p.192) “Ter que lidar por conta própria com um grande volume de exigências, tanto acadêmicas quanto administrativas, é uma experiência que pode provocar sentimentos de estar perdido e pouca motivação”.

Podemos perceber isso nos trechos a seguir, que é algo evidente na fala de todos os estudantes que participaram da pesquisa e narram:

“[...] Muitas vezes a gente não consegue lidar mesmo com tanta coisa pra fazer... E ainda tem a questão que a gente não tem só o curso, só a carga horária do curso pra dar conta, a gente tem projetos, a gente tem monitoria, sem falar nas demandas em casa, nas demandas pessoais [...] quando eu fui perceber, eu não tava dando conta e eu tava ficando emocionalmente muito mal e tudo isso contribui pra nosso rendimento.”
(Super-moça)

“Mas existe uma exigência de que você precisa saber de tudo, senão você vai ser uma profissional medíocre, então psicologicamente a gente fica tipo se cobrando horrores...” (Mulher-gato)

“[...] De fato é difícil conciliar, você vir pra faculdade e quando chega em casa ter que lidar com as situações que fogem do normal, como a separação dos meus pais, todo esse momento de turbulência... aí tira a concentração, às vezes é estudar pra uma prova, fazer um trabalho, aí você não consegue parar pra isso, então de fato atrapalha bastante...” (Homem-de-ferro)

“Quero ser psicóloga e quero uma formação bem feita, então eu faço as coisas... às vezes são mais de

duzentas páginas pra ler por semana, então não pode deixar acumular.” (Mulher-maravilha)

Os modos de ser aluno aparecem nas falas dos estudantes, de maneira particular, entretanto, entrelaçados com outros sentidos coletivos e sociais que são desveladores de reflexão, de compreensão sobre si e seu contexto, e, que algumas vezes, podem desvelar também sofrimentos. Pensando nisso, Cambuí e Neme (2014) trazem uma reflexão sobre a expressão da singularidade na atualidade, a qual é engendrada por uma licença da sociedade contemporânea, que às vezes delimita nossa existência e a maneira como nos relacionamos com o contexto social. Os autores dizem: “considerando a subjetividade humana como constituída por articulações culturais, históricas e sociais e, ainda, intimamente relacionada a condições individuais do sujeito, questiona-se, na atualidade, a possível repercussão, nessa constituição, de diferentes aspectos decorrentes da vigência de uma nova ordem social.” (p. 76).

Ainda adentrando nessa reflexão sobre subjetividade e sociedade contemporânea, os mesmos autores citados no parágrafo anterior pensam que o fenômeno da globalização, as consequentes modificações por ele geradas e as profundas transformações socioculturais pelas quais atravessa o mundo, vem sendo acompanhadas de novas configurações subjetivas e manifestações de sofrimento psíquico. Isso têm conduzido à necessidade de compreender essas novas formas de sofrimento psíquico que não se restringem apenas a uma inquietação, mas também denunciam processos de fragmentação do ser, de sujeitos permeados pelo mal-estar contemporâneo, que pede atemporalidade e promove a desvalorização da historicidade dos indivíduos. (Cambuí & Neme, 2014).

No trecho a seguir que traz a narrativa da estudante, percebemos essa reflexão trazida pelos autores, de como nossa subjetividade vem sendo moldada pela contemporaneidade:

“E eu sempre digo uma coisa que a gente estuda pra cuidar da saúde dos outros, mas a gente acaba com a nossa. Porque final de período, a gente não dorme direito, vira noites sem dormir, a gente não se alimenta direito porque não tem tempo e muitas vezes condição financeira, entre outras coisas...” (Super-Moça)

Saraiva e Quixadá (2010) nos dizem que no espaço institucional pode-se observar situações que ocasionam sofrimento nos indivíduos que fazem parte daquele contexto, o que na maioria das vezes não é percebido pelas pessoas. Todavia, o sofrimento não deixa de existir e manifestar seus efeitos, comprometendo o bom funcionamento das diversas esferas do ambiente acadêmico. Muitas vezes as dificuldades e sofrimentos enfrentados pelos universitários são oriundos de vivências anteriores ou surgidos ao longo do processo de formação. Sobre isso estes autores pensam que:

O projeto atual de Universidade sinalizam para uma dimensão holística e sistêmica de ser humano, que leva em consideração a multidimensionalidade da natureza do homem. No entanto há uma ênfase da dimensão intelectual ou cognitiva, em detrimento quase que total das dimensões emocional e social que integram a totalidade da pessoa humana. (Saraiva & Quixadá, 2010, p.3)

O peso às vezes se torna tão grande, que pode contribuir para pensamentos angustiantes de auto cobrança, como descrito nos trechos abaixo de nossa super-heroína, a ‘Mulher-gato’:

“olhe, eu vou fazer essa prova amanhã, se eu não passar eu vou me jogar do 3º andar desse prédio, eu vou morrer, pode ter certeza que eu vou morrer...”

“Aí eu fico pensando, minha nossa senhora, se eu morresse esses problemas iam passar tudinho, mas eu... Assim, não penso em definitivamente cometer suicídio.”

De acordo com Rocha, Boris e Moreira (2012) a não habilidade para lidar com a dor e o sofrimento coloca as pessoas diante de uma possibilidade inevitável de querer resolver seus problemas, extinguindo-os consigo mesmas, sendo a própria morte a resolução.

Entre a ideação e a tentativa de suicídio existe um espaço composto por vários pensamentos, que levam ao desespero e vazio existencial, momento esse que coloca-se em questão o sentido da vida, e a morte aparece enquanto possibilidade, margeando a existência, contingenciando sofrimentos. Para a ‘Mulher-gato’ e a ‘Super-moça’, algumas limitações impostas pelo outro e a sensação de não ter saída,

proporcionaram a elas refletirem sua finitude. A seguir encontramos nas falas delas esse momento de reflexão:

“Antes de entrar na faculdade, eu tava no ensino médio, por conta de algumas limitações que eu tinha em casa que eram impostas pelos meus pais, eu ficava pensando, querendo pegar a faca, mas nunca cheguei de fato a tentar fazer mesmo não... Eu ficava segurando a faca, olhando, olhando... Mas eu sabia que eu não ia fazer, e eu espero realmente não fazer.” (Mulher-gato)

“Ah, é porque assim, como sempre tem muita coisa, eu sou aquela pessoa que quando eu me vejo encurralada, que eu não tô vendo por onde sair, a minha vontade é de fugir, sabe? E eu acho que foi justamente essa sensação, dessa necessidade de fugir, de não conseguir ficar em determinadas situações que levou a essa tentativa de suicídio. (Super-Moça)

Nos trechos acima, as estudantes encontram na sua finitude um caminho para por fim às suas angústias e ao que não as permite ser si-mesmas. Dutra (2011) diz que a vida que se vive revela a possibilidade de morte e enfrentar a realidade que se tem, muitas vezes é tão frustrante, que em muitos prevalece a intolerância à dor, conduzindo-os, frequentemente, a escolher a morte.

De acordo com Roehe e Dutra (2014), o homem se caracteriza existencialmente e ontologicamente pela convivência, pelo ser com o outro. O mundo do homem é compartilhado e o Ser-homem sempre envolve a presença de outros homens. Há sempre uma referência a um contexto familiar; a um ambiente de trabalho; a uma localização; a uma origem; ao uso de objetos comuns. Essas características e espaços são determinações coletivas que contribuem para o desenvolvimento de nossa própria identidade.

A universidade é uma instituição de novos modos de ser, desvelando sentidos e projetos para a existência, por vezes, diferente daquilo que sempre se pôs para si. Embora haja um discurso de integralidade do ser, a universidade ainda tem um tratamento com o discente de forma a fragmentá-lo, à medida que muitas vezes supervaloriza o aprendizado técnico em detrimento de um crescimento integral do estudante enquanto pessoa, reproduzindo assim o fenômeno da fragmentação do conhecimento. (Saraiva & Quixadá, 2010)

Considerações finais

A nossa pesquisa evidenciou que as vivências e experiências dos estudantes universitários, aqui entrevistados, ultrapassam delimitações burocráticas e territoriais da universidade. Foram relatadas vivências relacionadas à intensa demanda de estudos; dificuldades de relacionamento interpessoal, seja com colegas de sala ou com os próprios familiares; dificuldades de adaptação ao ambiente acadêmico; dificuldades relativas à mudança de sua cidade de origem para outra cidade a fim de cursar uma graduação, dentre outros. Toda essa nova experiência de vida somada aos afazeres acadêmicos, acaba por gerar angústias e solidão, desvelando sofrimentos na condição de ser estudante universitário.

Profundamente percebe-se ainda que a universidade, em ampliação de vagas e oportunidades, tem abrigado a diversidade de existências, as singularidades de suas histórias, e inevitavelmente, seus sofrimentos. Estes já presentes como uma bagagem a ser trazida por cada um deles, outras vezes, produzidos pela própria condição de ser estudante de uma universidade, em especial, de um curso da área da saúde. Pressão, mudança brusca de modo de ensino, adaptação para viver em novos lugares, dificuldade de encontrar abrigo nesse novo caminho.

Pensar e compreender as tentativas e ideações de suicídio dentro desse ambiente acadêmico vai para além da compreensão do fenômeno em si, é preciso enxergar, escutar e acolher o que torna estressante o dia a dia do estudante, é também permitir que as “coisas mesmas” que os perturbam, dentro e fora da academia, apareçam e nos permitam interpretar o sofrimento por trás de um grito silenciado, que ao pensar em morrer é anunciar uma voz: a voz daquele que está em sofrimento.

Para além de um aluno da área da saúde, a ser preparado para cuidar da vida humana, temos alguém que carrega consigo uma história, projetos, dores, muitas vezes encobertos no emaranhado de atividades que cercam o modo de ser aluno universitário na contemporaneidade. Condenados à solidão de seu sofrimento, vivido em uma interioridade sem som, a morte se anuncia como possibilidade de dar fim a tudo o que está em jogo. Fundamentalmente, ser aluno universitário é existir integralmente enquanto sujeito no mundo.

A aproximação com a experiência desses estudantes, recontadas e ressignificadas em suas narrativas nos faz refletir e perceber sofrimentos e momentos desesperadores, de vazio existencial, de perda de sentido, de desalojamento, de não querer mais viver. Os relatos dos estudantes dizem de uma dor que se enconde na penumbra, que habita a inospitalidade do mundo e da universidade, que habita, sobretudo, suas vidas e que muitas vezes é tão insuportável que parece não ter lugar para pousar, entrando em jogo uma possibilidade de tentar sanar essa dor por meio do suicídio. Tais sofrimentos estão perpassados por toda historicidade, pelo tempo, pela forma que o sofrer é vivenciado por cada pessoa. Questionar sobre o pensar e/ou tentar suicidar-se é tentar compreender as multidensões intrínsecas a esse fenômeno, assim como é a complexidade do ser humano.

Para isso, se faz necessário espaços que promovam a escuta e o acolhimento desses estudantes que buscam por ajuda, como também pensar em ações que visem a prevenção da saúde mental deles, fomentando uma assistência relevante e que esteja inserida em todos os pilares da academia, quer seja no ensino, na pesquisa ou na extensão.

Contribuições dos autores

Silva, M. V. M. participou do delineamento, da busca e análise dos dados da pesquisa, interpretação dos resultados, redação e encaminhamento do artigo científico. Azevedo, A. K. S. participou da concepção, delineamento, interpretação dos resultados, redação do artigo científico, análise dos dados da pesquisa.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

Referências

Abdal, A., & Navarra, J. (2014). "Uni por Uni, eu escolhi a que era do lado da minha casa". *Novos Estudos*, 33(3), 65-85. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/nec/n99/0101-3300-nec-99-00065.pdf>. doi: [10.1590/S0101-33002014000200004](https://doi.org/10.1590/S0101-33002014000200004)

- Amatuzzi, M. M. (2001). Pesquisa fenomenológica em psicologia. In M. A. T. Bruns, & A. F. Holanda (Orgs), *Psicologia e pesquisa fenomenológica. Reflexões e perspectivas* (pp. 15-22). São Paulo: Ômega.
- Azevedo, A. K. S., & Dutra, E. M. S. (2012). Relação Amorosa e Tentativa de Suicídio na Adolescência: uma Questão de (Des)Amor. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVIII(1), 20-29. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a04.pdf>
- Bicudo, M. A. V., & Martins, J. (1994). *A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e Recursos Básicos*. São Paulo: Editora Moraes.
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicologia USP*, 25(3), 231-236. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231>. doi: [10.1590/0103-6564D20140004](https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140004)
- Braga, T. B. M., & Farinha, M. G. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XXIII(1), 65-73. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>
- Cambuí, H. A., & Neme, C. M. B. (2014). O sofrimento psíquico contemporâneo no imaginário coletivo de estudantes de Psicologia. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 75-88. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n2/07.pdf>. doi: [10.15348//1980-6906](https://doi.org/10.15348//1980-6906)
- Catão, C. G. B., Dutra, E. M. S., & Cavalcanti, C. M. A. (2013, Agosto). O Estresse em Estudantes da UFRN: Um Olhar Fenomenológico-Existencial. *Anais do I Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia e III Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia*, Curitiba, PR, Brasil. Recuperado de: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/fenomenologia/files/2014/11/I-Congresso-de-Brasileiro-de-Psicologia-e-Fenomenologia-2013-Curitiba.pdf>
- Cechet, A. G. S. (2013). *O ingresso na universidade pública: análise dos sentidos atribuídos por um grupo de estudantes atendidos pela assistência estudantil* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, PR, Brasil. Recuperado de <http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2014/12/Adriana-Garcia-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Coltro, A. (2000). A fenomenologia: Um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 1(11), 37-45. Recuperado de http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/fenomenologia_modernidade.pdf

- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371-378. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>. doi: [10.1590/S1413-294X2002000200018](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018)
- Dutra, E. (2011). Pensando o suicídio sob s ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVII(2), 152-157. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n2/v17n2a06.pdf>
- Dutra, E. (2012). Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 924-937. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n3/v12n3a13.pdf>
- Goes, A. S. (2016). *A UFAL chegou ao sertão: um estudo sobre sentidos e significados da interiorização para estudantes da unidade educacional de Santana do Ipanema* (Monografia). Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Palmeira dos Índios, AL, Brasil. Recuperado de <https://ufal.br/ufal/noticias/2016/2/pesquisas-destacam-as-conquistas-e-deficiencias-na-interiorizacao-da-ufal/a-ufal-chegou-ao-sertao-um-estudo-sobre-sentidos-e-significados-da-interiorizacao-para-estudantes-da-unidade-educacional-de-santana-do-ipanema>
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Kovács, M. J. (2013). Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(3), 69-82. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/05.pdf>
- Lovisi, G. M., Santos, S. A., Legay, L., Abelha, L., & Valencia, E. (2009). Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 31(Supl 2), S86-93. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s2/v31s2a07.pdf>. doi: [10.1590/S1516-44462009000600007](https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000600007)
- Moreira, A. R. L., & Dutra, E. M. S. (2017). Compreendendo a experiência de sofrimento de mulheres na relação amorosa. In E. M. S. Dutra, & A. A. B. Maux (Orgs), *Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial: Interpretações do sofrimento na contemporaneidade* (pp. 15-32). Curitiba: CRV.
- Organização Mundial da Saúde. (2006). *Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros*. Genebra: OMS. Recuperado de http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf
- Rocha, M. A. S., Boris, G. D. J. B., & Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVIII(1), 69-78. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a10.pdf>
- Roehe, M. V., & Dutra, E. (2014). Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 105-113. Recuperado de <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v32n1/v32n1a08.pdf>. doi: [10.12804/apl32.1.2014.07](https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07)
- Saraiva, A. M., & Quixadá, L. M. (2010). Realização, Sofrimento, Saúde e Adoecimento: algumas reflexões sobre o estudante e sua trajetória universitária. *Anais da Conferência Internacional Sobre os Sete Saberes para a Educação do Presente*, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. Recuperado de <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/988-07082010-135554.pdf>
- Silveira, S. M., & Nardi, H. C. (2008). Formação em Psicologia e Vulnerabilidade Social: Um Estudo das Expectativas de Inserção Profissional de Formandos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), 228-243. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n2/v28n2a02.pdf>
- Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 185-202. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>. doi: [10.1590/S1413-85572008000100013](https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013)
- World Health Organization. (2014). *Preventing suicide: a global imperative* [Internet]. Recuperado de http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/